



# Arqueologia e estudos de gênero no Mediterrâneo

**Juliana Magalhães dos Santos  
(LABECA/MAE-USP)**



# Introdução

Nessa apresentação vamos conhecer como se construiu a história das mulheres e como ela influenciou a teorização do campo dos estudos de gênero. Veremos quais são os principais estudiosos e as principais contribuições teóricas do campo. Em seguida veremos a relação entre gênero e arqueologia, indicando quem são os principais pesquisadores e as áreas de interesse. Por último, falaremos também sobre a relação entre gênero, arqueologia e antiguidade através de duas reflexões: A arqueologia de Gênero, vista para além dos papéis femininos e a contraposição ao masculino; e a Arqueologia Queer e seus limites (metodológicos, documentais e sociohistóricos).

# Senta que lá vem a História... das mulheres!?

Revolução Francesa (1789)



Movimento Sufragista

(final do séc. XIX, começo do séc. XX)

# Virginia Woolf: mulher e literatura

[...] como o romance tem essa correspondência com a vida real, seus valores são, numa certa medida, os da vida real. Mas é óbvio que os valores das mulheres diferem, com frequência, dos que foram feitos pelo outro sexo; isso acontece, naturalmente. E, no entanto, são os valores masculinos que prevalecem. Falando cruamente, o futebol e o esporte são "importantes"; o culto da moda e a compra de roupas são "insignificantes". E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Esse é um livro importante, pressupõe o crítico, porque lida com a guerra. Esse é um livro insignificante, pois lida com os sentimentos das mulheres numa sala de visitas.” (WOOLF, 2019:16)

Simone de Beauvoir, musa inspiradora dos movimentos feministas.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro” (BEAUVOIR, 1967:9).

Mary Wollstonecraft

REIVINDICAÇÃO  
DOS  
DIREITOS  
DA MULHER

EDIÇÃO COMENTADA  
DO CLÁSSICO FEMINISTA



FORA  
NOVA  
FRONTEIRA

CÃO  
TAL E  
TADA

CAO  
SICOS  
E  
RO

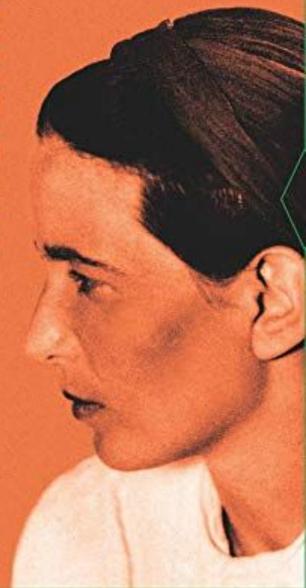
VIRGINIA  
WOOLF  
ORLANDO

Virginia Woolf Um teto todo seu



Tradução  
Noemi Jaffe

O SEGUNDO SEXO SIMONE  
DE BEAUVOIR



# E como os Estudos de Gênero derivam das lutas feministas?

Luta pelos direitos sociais de negros, indígenas e mulheres (1960/1970)



# Conceitos: Corpo

“Queremos dizer com isto que, como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente concebido, e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular”. (RODRIGUES, 2006:44)

“Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não estão subordinados diretamente ao corpo. O mundo das representações se adiciona e se sobrepõe a seu fundamento natural e material, sem provir diretamente dele. As forças físicas e as forças coletivas estão simultaneamente juntas e separadas”. (RODRIGUES, 2006: 46)

# Corpo e Sexualidade nas ciências humanas

"( ... ) não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar" (GODELIER, 1981:17)

“só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável.” (WEEKS, 2010, p.43)

# O corpo e a sexualidade na antropologia

Margaret Mead



Sexo e Temperamento

Ruth Benedict



Padrões de Cultura

José Carlos Rodrigues



Tabu do corpo/Corpo na História

# O corpo e a sexualidade na filosofia

Michel Foucault



História da Sexualidade

Simone de Beauvoir



O segundo sexo

Judith Butler



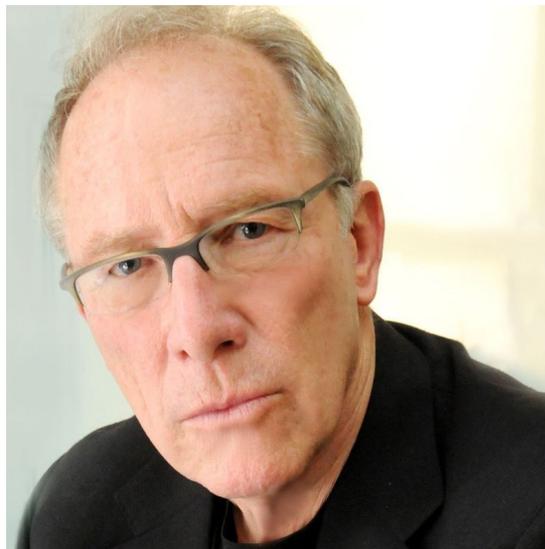
Problemas de gênero

# O corpo e a sexualidade na História

Rachel de Soihet



Thomas Laqueur



Georges Vigarello



Condição feminina e formas de violência

Making Sex

História do Corpo

# Conceito: Gênero

“Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (...)

Para os/as historiadores/ as, a questão importante é: que representações simbólicas são invocadas, como, e em quais contextos?” (SCOTT, 2017:86)

“O desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência in temporal na representação binária do gênero [homem/mulher]. Esse tipo de análise deve incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social (...)” (SCOTT, 2017:87).

# Afinal, o que significam os Estudos de Gênero?

O campo dos estudos de gênero apresenta as seguintes possibilidades de análise: 1) associar estudos das **relações de poder entre sexos** socialmente/culturalmente concebidos a partir da função biológica (feminino e masculino); 2) identificar e relacionar a **construção de identidades** sociais a partir da dinâmica sexual/de representação/biológica levando em conta raça/classe/etnia/espço geográfico; 3) dar ênfase nas relações de poder para a **construção de representações** sociais e políticas como: estudos sobre feminilidades, masculinidades, androginia, gays, lésbicas, bi, assexuais, intersex, trans, queer, não binários e identidades sexuais fora do espectro conhecido, como outros gêneros (“*two spirits*”, *hijras*, etc). Os estudos de gênero tem como objetivo dar ênfase às narrativas invisibilizadas pelas instituições e pela História e também serve como suporte analítico (um entre muitos) para movimentos e lutas sociais.

# Gênero e História

Joan Scott



Michelle Perrot



Joana Maria Pedro



Gênero: uma categoria útil para a análise histórica

História das Mulheres no Ocidente

História das Mulheres no Brasil

# Contribuições para pensar Gênero nas Ciências Humanas

Patricia Hill Collins



Imagens de controle

María Lugones



Decolonialidade

Gayatri Chakravorty Spivak



Subalternidade

Bell Hooks



Feminismo negro

# Porque os estudos de gênero são importantes para a História?

Ao longo dos séculos as sociedades do mundo ocidental conceberam, produziram e reproduziam diversas relações entre sexo biológico e gênero em sintonia com as instituições, a geografia, a cultura, a economia e a política. As fontes documentais geralmente indicam que tais processos negociavam códigos e estruturas de poder, fosse para diferenciar, afastar, assimilar ou agrupar as representações de “ser e estar” no mundo. Assim, os estudos de gênero reconhecem a necessidade de identificar no passado as representações dos/entre sexos, da/entre as sexualidades e dos/entre gêneros de maneira a habilitar suas experiências como elementos que dão sentido ao funcionamento dos grupos sociais. Não podemos negar o papel dos gêneros na equação do passado, posto que ele é parte integrante da formação social. Mesmo que os sujeitos possuam identidades transitórias, contingentes e fragmentadas (LOURO, 1999: 12).

# Gênero e interseccionalidade, uma necessidade analítica.

“A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais” (Bilge, 2009:70).

Discussões sobre gênero, classe, raça, idade, grupo social, religião, etnia, nação, etc:

- **Interseccionalidade:** interseção entre sexo e raça (Angela Davis, 1981; Kimberlé Crenshaw, 1989, 1994, 2002)
- **Consustancialidade:** interseção entre sexo e classe (Danièle Kergoat, 1978, 2010)

# Estudos de gênero e diálogo metodológico na Antiguidade

- Gênero e Agência: A capacidade dos indivíduos com a participação social minoritária de tomarem decisões ou fazerem escolhas para além de estruturas determinadas.
- Gênero e Arqueologia: Culturas materiais analisadas a partir de grupos sociais minoritários.
- Gênero e Etnicidade: Relações de poder e alteridade a partir de grupos sociais minoritários.
- Gênero e Espacialidade: Ocupação social, cultural, política em um determinado lugar ou espaço por grupos sociais minoritários.
- Gênero e Cultura política: Práticas políticas de grupos sociais minoritários.
- Gênero e História das Emoções: Expressão e identificação de sentimentos e sensações de grupos sociais minoritários.
- Gênero e Recepção: Recepção de ideias e conceitos nos dias atuais de/por grupos sociais minoritários.
- Gênero e Classe: Classes sociais, econômicas, culturais analisadas a partir de grupos minoritários.

# Gênero e sexualidade na Antiguidade: capacidade de identificar as expressões e interesses sexuais por grupos sociais minoritários.

Sarah Pomeroy



Eva C. Keuls



Amy Richlin



Goddesses, whores, wives (...)

The reign of the phallus

The Garden of Priapus

“Devagar com o andor que o Santo é de barro!”

## **Cuidado!**

Nem sempre é possível transpassar completamente os conceitos como gênero fluido, sexo não binário e performatividade para os estudos da Antiguidade. Isso dependerá do período, sociedade e grupo social analisado. Porque? Porque essas perspectivas contemporâneas abolem a relação causal entre gênero e sexo. Para os antigos as relações entre gênero e sexo poderiam ser concebidos a partir da negociação de uma base material biológica com a performance social. Ou o gênero poderia não estar envolvido ou ser um elemento importante na equação das relações sociais no passado. Isso significava que suas relações propunham convenções e princípios de poder que não conhecemos. Os antigos não pensavam o gênero como nós, e relocar diretamente nossas perspectivas metodológicas para o passado pode gerar anacronismos.

# Porque os estudos de gênero são importantes para se estudar a Antiguidade?

“O estudo de mulheres, gênero e homens (nunca vamos nos enganar em acreditar que os homens são normais) na história, incluindo a história antiga, nunca foi tão importante. É fundamental que entendamos as origens do sexismo, misoginia e heteronormatividade, bem como as diferentes maneiras de ver e construir a identidade de gênero. Mas devemos entrar nesse estudo com a mente clara. Não podemos continuar impondo o terceiro e quarto gêneros e sexos à antiguidade. Não podemos forçar os antigos a manifestar as identidades e dinâmicas de gênero que então queremos “recriar” para nós mesmos. Fazemos referências casuais aos cromossomos X e às virgens dos Balcãs para substanciar nossas próprias versões idealizadas de uma realidade sem sexo, sem gênero, sem realmente considerar a ciência ou as subjetividades envolvidas. O propósito da Teoria é nos forçar a abandonar modos confortáveis de pensar, de acreditar que a forma como vemos o mundo é como todos o vivenciam. A teoria nos faz questionar, confrontar e reconsiderar nossa percepção da verdade e da realidade, dizendo-nos para não acreditarmos em tudo o que pensamos. Isso é bom. Mas quando ele liga a si mesmo, quando nos faz forçar os outros a nossos modos atuais de pensar (desejar), então é hora de parar e reconsiderar” (BUDIN, 2020: 52).

# E a arqueologia, o que tem a dizer sobre gênero?

Gênero é um “sistema complexo de significados - isto é, como uma categoria social que está no âmago de como as pessoas em culturas específicas identificam quem são, o que são capazes de fazer, o que devem fazer e como devem se relacionar com outras pessoas semelhantes e diferentes de si mesmos. Como a categoria social da família, gênero é um sistema de classificação social, em vez de biológica, que varia transculturalmente e muda ao longo do tempo em resposta a uma constelação de condições e fatores que ainda são mal compreendidos. Nesta mesma área de diversidade cultural e mudança ao longo do tempo, essa arqueologia pode dar uma contribuição muito importante para o estudo de gênero e vice-versa” (CONKAY; GERO, 1984:16).

# Desmontando e desmistificando os papéis de gênero

Identificação da presença e da participação feminina para além dos ritos de passagem e dos “sistemas-limite”; nascimento (fertilidade); casamento (abundância); morte (sabedoria); sanção oracular/religiosa.

Destaque para o reconhecimento do trabalho feminino em áreas consideradas masculinas: intervenção na arte; participação na agricultura; ritos religiosos e mortuários; participação em guerras, ações econômicas, políticas e culturais; relatos de *techné* feminina.

Análises que podem variar entre a identificação de papéis de gênero; relação entre gêneros; “marcas” de masculinidade e “feminilidade”; “vozes e ações silenciadas”; desnaturalização da visão sobre ser homem e ser mulher; reestruturação do pensamento e da ação feminina no tempo, descolonizada da leitura masculina .

# Porque o Gênero é importante para a arqueologia?

A arqueologia pode ser uma poderosa fonte para desafiar aquilo que tomamos como dado. Ela pode nos mostrar que as características essenciais do mundo contemporâneo, que tratamos como inevitáveis, não têm sempre sido dessa maneira, que elas são contingentes e poderiam ter sido diferentes, que elas têm histórias e consequências que estão, às vezes, em claro desacordo com os valores que pensamos que elas incorporam, e que há uma gama de possibilidades muito mais ampla de modos de vida, de vidas mais produtivas do que havíamos imaginado. Esses entendimentos podem não nos dizer como intervir de maneira eficaz no presente, mas eles podem desestabilizar de maneira poderosa as asserções sobre o passado - como as coisas sempre têm sido, por que elas devem ser como são - que legitimam as estruturas contemporâneas de desigualdade (Wylie, 2014).

# Gênero e Arqueologia

Joan Gero



Alison Wylie



Margaret Conkay



# Por quê não houve arqueologia de gênero no passado (Wylie, 1993)?

Até o movimento feminista na década de 1970, o antiquarianismo e a arqueologia deixaram as mulheres de fora porque não eram consideradas importantes, interessante ou significativas [em termos analíticos] (Sørensen, 2006). As únicas mulheres discutidas até então foram as rainhas ou aquelas especificamente mencionadas em textos antigos (Spencer-Wood, 2006). A visão da arqueologia até então era de que o gênero não precisava ser definido, discutido e analisado porque se acreditava que as estruturas de gênero da civilização ocidental eram construções ubíquas e universais (Brumfiel, 2006). Conforme o movimento feminista se desenvolveu, a teoria arqueológica se desenvolveu em três ondas, embora esta terminologia forneça a impressão incorreta de que cada onda teórica anterior foi substituída pela mais recente, quando na verdade, as três ondas se desenvolveram em relação umas às outras (Wylie, 1993).

# Onda, onda... olha a onda!

**Primeira Onda:** critica o pressuposto de que a esfera de interação das mulheres era o lar, e a do homem era sociedade em geral, “... demonstrando que as mulheres exerceram agência social em uma variedade de importantes papéis nas esferas pública e doméstica”. Esta primeira onda também confrontou a ideia de tradição moderna como elemento universal para toda a história humana, em todos os lugares do mundo.

**Segunda Onda:** tem como objetivo fazer uma crítica estruturada do patriarcado de maneira a demonstrar como uma “ideologia socialmente construída e instituição social” constrói e perpetua a desigualdade de gênero. Muitos criticaram esta onda por generalizar excessivamente o gênero usando um binário universal.

**Terceira Onda:** desafia a dicotomia heterossexual baseada em gênero binário de homens e mulheres. Classificada como a abordagem feminista pós-moderna, em que gênero e sexualidade são consideradas “performances complexas e fluidas que não podem ser monoliticamente descrito para qualquer grupo social”. A abordagem pós-moderna olha para gênero em termos do quadro social mais amplo, e considera gênero em relação à classe, etnia, raça e outras várias classificações sociais que são construídas pela sociedade e afetam as pessoas modo de vida.

# Arqueologia feminista e Arqueologia de gênero: um diálogo possível, da estrutura científica à análise metodológica

**Arqueologia feminista** “Todas as pesquisas feministas estão preocupadas com gênero, mas nem todas as pesquisas de gênero se aplicam conceitos, teorias ou métodos feministas” (Spencer-Wood (2006: 59). Geralmente a arqueologia feminista tem preocupações associadas a demandas políticas e tem como foco o reconhecimento arqueológico das mulheres na cultura material.

**Arqueologia de gênero** atua fundamentalmente na identificação dos gêneros em função de suas diferenças, indicando a generificação feminina em relação com sua alteridade comum, masculina. Esta abordagem coloca o gênero em uma relação fluida com o resto da sociedade, permitindo uma definição móvel, pré moldada porém não fixa das sociedades analisadas (Sørensen, 2006).

# Arqueologia Queer: limites e possibilidades

“o corpo como sistema de signos que só pode ser decodificado se culturalmente localizado. As construções e significações que o envolvem são distintas e estão imbricadas em diversas tramas de práticas sociais, que variam histórica e culturalmente.” (ROEDEL, 2017, p.78)

É preciso identificar nas sociedades os processos de leitura das performances de gênero para estender a análise queer e sua relação com a cultura material do período analisado. Assim, a arqueologia queer por vezes dependerá de fatores históricos, sociais, geográficos, políticos, econômicos, biológicos, culturais, etários, étnicos e raciais, e de como o corpo de homens e mulheres foi submetido às relações de poder que os identificam como tal. Nem sempre o sexo biológico acompanhará a performance social de gênero, logo, precisamos ter em mente o mosaico de interpretações dos gêneros e das sexualidades no espaço-tempo.

# Nem tanto, nem tão pouco. Um tanto de cada pouco.

Ao longo da vida aprendemos a construir (ou destruir) nossa relação com os gêneros. Nós mulheres aprendemos a negociar, performar, negar, afirmar o “ser” mulher de acordo com nossa cultura, geografia, sociedade. Nossa tessitura pode não ter só um ponto de partida, mas partilhamos [geralmente] o mesmo destino. Durante séculos a biologia foi nosso destino. Podemos não nascer mulher - pensando partir de nossa performance, mas quando morremos, podemos e geralmente morremos como uma. Estudar arqueologia a partir de proposições feministas e de gênero pode nos ajudar a compreender melhor como se comportavam as relações dos sexos e gêneros, ressaltando processos de dominação, poder, negociação, apagamentos e projeções. Longe de diminuir os protagonismos de grupos sociais e dos gêneros, o estudo recoloca os atores do passado frente a frente para ser vistos a partir da cultura material.



Por hoje é só, pessoal!